

UM DISCURSO SOBRE A PROPRIEDADE POÉTICA: ÉPOS, PARAPLOKÉ E METAPOIÉSIS NA *TEOGNIDEIA*

RAFAEL BRUNHARA *

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Resumo. Este artigo apresenta um comentário aos versos 20-21 da chamada “Elegia do Selo” de Teógnis (os versos 19 a 26 da *Teognideia*), visando mostrar como a *Teognideia* alude a expedientes de uma poética própria às *performances* no simpósio grego arcaico.

Palavras-chave. Simpósio; Teógnis; Elegia.

D.O.I. 10.11606/issn.2358-3150.v17i2p101-114

Κύρνε, σοφίζομένωι μὲν ἔμοι σφρηγίς ἐπικείσθω
τοῖσδ' ἔπεισι, λήσει δ' οὔποτε κλεπτόμενα, 20
οὐδέ τις ἀλλάξει κάκιον τοῦσθλοῦ παρεόντος·
ὥδε δὲ πᾶς τις ἔρει· “Θεύγνιδός ἐστιν ἔπη
τοῦ Μεγαρέως· πάντας δὲ κατ' ἀνθρώπους ὀνομαστός.”
ἀστοῖσιν δ' οὔπω πᾶσιν ἀδεῖν δύναιμαι·
οὐδὲν θαυμαστόν, Πολυπαῖδη· οὐδὲ γὰρ ὁ Ζεὺς 25
οὔθ' ὕων πάντεσσ' ἀνδάνει οὔτ' ἀνέχων.

Cirno, por meu engenho, sim, seja aposto um selo
nestes versos, e nunca ignorarão seu roubo, 20
nem vão mudá-los em algo vil: já são um bem presente;
e assim todos dirão: “são os versos de Teógnis
de Mégara, por toda a humanidade nomeável.”
Mas agradecer à cidade toda inda não posso:
Nada admirável, Polípeda! Nem Zeus 25
agrada a todos, faça a chuva ou a contenha.¹

AO ANALISAR AS ELEGIAS COLIGIDAS NA *TEOGNIDEIA*, É IMPOSSÍVEL NÃO SE deter nas enigmáticas palavras presentes na chamada “Elegia do Selo”, os

* Professor de Língua e Literatura Grega na Universidade Federal do Rio Grande do Sul e doutorando junto ao programa de pós-graduação em Letras Clássicas da Universidade de São Paulo.

** Artigo recebido em 03.dez.2015 e aceito para publicação em 05.fev.2016.

¹ Todas as traduções deste artigo são de minha responsabilidade. As elegias de Teógnis, Tirteu e Sólon seguem a edição de West, doravante W (1992); para Píndaro, a edição é de Snell e Maehler, Sn-M (1974). Os fragmentos de Eurípides são da edição de Nauck (1889); para Poliano, uso o texto encontrado em Paton, *Greek Anthology vol. 4* (1914). O Escólio à Paz de Aristófanes encontra-se em Campbell, D. *Greek Lyric III* (1991).

versos 19 a 26 do *Corpus Theognideum*.² Surpreende-nos verificar neste que é o mais extenso *corpus* de elegias pré-alexandrinas um poema que pareça aludir à autoria de obra, questão que nos leva necessariamente à consideração do próprio caráter oral e da transmissão da poesia grega arcaica. Tendo em vista a transmissão errática da *Theognideia*, esta afirmação de autoridade poética soou para muitos estudiosos como uma “ironia definitiva”:³ afinal, Teógnis, poeta que mais pareceu buscar a autenticidade de seus versos, é aquele que mais possui poemas equivocadamente atribuídos a ele.

Pretendo, neste texto, apresentar uma leitura desta elegia concentrando-me especificamente nos versos 20–21, a fim de sugerir que o poema se refere a dois procedimentos próprios a uma poética oral voltada para o simpósio, a saber: a παραπλοκή (*paraplokē*), interposição de novos versos a outros já conhecidos da tradição, e a μεταποίησις (*metapoiesis*), a alteração de versos notórios para uma nova circunstância de *performance*.

Esta proposta parece-nos exigir que em um primeiro momento consideremos a noção mesma de έπος (*épos*, “verso”) na *Theognideia*, e mais especificamente no trecho analisado do verso 20. O termo έπος, com o significado de “verso”, aparece em quatro elegias da *Theognideia*, e em três delas juntamente com o pronome dêitico τοῦτο. A primeira ocorrência está nos versos 15 a 18, anteriores à elegia aqui analisada:

Μοῦσαι καὶ Χάριτες, κοῦραι Διός, αἶ ποτε Κάδμου
 ἐς γάμον ἔλθοῦσαι καλὸν ἀείσατ' έπος,
 ‘ὅτι καλόν, φίλον ἐστί· τὸ δ' οὐ καλὸν οὐ φίλον ἐστί,
 τοῦτ' έπος ἀθανάτων ἦλθε διὰ στομάτων.

Musas e Graças, filhas de Zeus, indo outrora
 às núpcias de Cadmo, belo *verso* cantaram:
 “o belo é amável; o não belo não é”.
Esse verso partiu de imortais lábios.

No verso 17, o poeta cita um verso hexâmetro que reproduz o que as Deusas Musas e Graças teriam cantado (ἀείσατ', *aeísat'*) no casamento de Cadmo e Harmonia: “ὅτι καλόν, φίλον ἐστί· τὸ δ' οὐ καλὸν οὐ φίλον ἐστί” (“O que é belo, é amável; o que não é belo, não é amável”). Teógnis chama este verso “έπος” no pêntametro que o antecede (verso 16), e novamente no pentâmetro se-

² Adoto a edição de Martin L. West (*Iambi et Elegi Graeci*, 1991), que considera que a elegia se encerra no v. 26. A questão, entretanto, é controversa e não há um consenso entre os estudiosos na identificação do verso final: para alguns, a elegia encerra-se no verso 30; outros propõem que se estende até o verso 38. Não é do escopo deste breve trabalho tratar desta questão: para um maior aprofundamento e um resumo do *status* da questão nos dias de hoje, remeto o leitor para Hubbard (2007).

³ Leonard Woodbury 1951, 1: “it’s the last irony in an ironical career that Theognis, who was more concerned that any poet before him to perpetuate himself in his poetry, should have won through his poems an immortality so alien and so equivocal”.

guinte (verso 18), dessa vez acompanhado do pronome τούτο, remetendo ostensivamente ao hexâmetro anterior.

Gregory Nagy, em *Ancient Greek Elegy*,⁴ sugere que o sentido de ἔπος aqui é o de “verso hexamétrico”: assim, quando a elegia diz ἔπος, ela não só menciona outra tradição poética, a da poesia épica, como também se apropria dela no contexto da poesia elegíaca. O exemplo que Nagy usa para atestar sua hipótese é o fr. 4 w de Tirteu. Ao citar versos oraculares, o poeta os chama de ἔπεα (*ἔπεα*, “versos hexamétricos”):

Φοίβου ἀκούσαντες Πυθωνόθεν οἴκαδ' ἔνεικαν
 μαντείας τε θεοῦ καὶ τελέεντ' ἔπεα·
 ἄρχειν μὲν βουλῆς θεοτιμήτους βασιλῆας,
 οἴσι μέλει Σπάρτης ἡμερόεσσα πόλις,
 πρεσβυγεν<έα>ς τε γέροντας· ἔπειτα δὲ δημότας ἄνδρας 5
 εὐθείαις ῥήτραις ἀνταπαμβομένους
 μυθεῖσθαί τε τὰ καλὰ καὶ ἔρδειν πάντα δίκαια,
 μηδέ τι βουλευεῖν τῆιδε πόλει <σκολιόν>·
 δήμου τε πλήθει νίκην καὶ κάρτος ἔπεσθαι.
 Φοῖβος γὰρ περὶ τῶν ὧδ' ἀνέφηγε πόλει. 10

Febo escutaram, e de Pito ao lar levaram
 as profecias do Deus e versos perfeitos:
 que dirijam o concílio os reis honrados por Deuses,
 a quem importa a amável cidade de Esparta,
 e os primevos anciãos: depois homens do povo, 5
 por sua vez, respondendo às retas sentenças
 pronunciem ditos belos e ajam com justiça em tudo
 e não deem a cidade conselho <oblíquo>
 para que vitória e poder sigam as massas.
 Sobre isso, eis o que Febo revelou à cidade. 10

Segundo Nagy,⁵ por ἔπεα devemos entender apenas os versos hexamétricos (3, 5, 7, 9) que pertencem ao pronunciamento do oráculo. Os demais versos (4, 6, 8), pentâmetros, apenas complementam o sentido transmitido pelos versos oraculares. Nesse sentido, o uso de ἔπεα se dá apenas para explicitar a presença da poesia exclusivamente hexamétrica que é acomodada na poesia elegíaca. Mas, se observarmos as outras ocorrências de ἔπος na *Teognideia*, veremos que tal hipótese não se mantém. A elegia 1235–1238 parece significativa nesse sentido:

Ἦ παῖ, ἀκουσον ἐμεῦ δαμάσας φρένας· οὐ τοι ἀπειθῆ
 μῦθον ἔρῳ τῆι σῆι καρδίηι οὐδ' ἄχαριν.

⁴ Nagy 2009, 20.

⁵ Nagy 2009, 18.

ἀλλὰ τλήθι νόωι συνιδεῖν ἔπος· “οὐ τοι ἀνάγκη
τοῦθ’ ἔρδειν, ὅ τι σοὶ μὴ καταθύμιον ἦ.”

Ó menino, ouve-me, pois domaste minha alma. Não direi
ao teu espírito palavra incrível ou desagradável:
paciência em teu peito, p’ra compreender o meu *verso*: “Não é forçoso
fazer o que não está dentro do teu coração”.

O que o poeta denomina como ἔπος nessa elegia é o segmento formular οὐ τοι ἀνάγκη/τοῦθ’ ἔρδειν (“não é forçoso/fazer isso”), que já aparece em outro dístico na mesma posição métrica (1095-1096),⁶ mas aqui é acompanhado do verso 1238 que o amplia. O verso 1238 pode ser denominado, por sua vez, *fórmula elegíaca*, não épica, visto que é idêntico ao verso 1086 da elegia abaixo:

Δημόναξ, σοὶ πολλὰ φέρειν βαρὺ· οὐ γὰρ ἐπίστη
τοῦθ’ ἔρδειν, ὅ τι σοὶ μὴ καταθύμιον ἦ.

Demônax, é difícil te aguentar! É que tu não aprendeste a
fazer o que não está dentro do teu coração.

Assim, o termo ἔπος pode trazer a ideia de uma citação tradicional – como propõe Nagy – mas essas tradições, pelo que evidencia o verso 1238, não seriam necessariamente hexamétricas.

Young (1971, *apud* Vetta 1980, 45) acreditava que o verso 1238 era um provérbio antigo, ἀρχαία παροιμία (*arkhaía paroimía*), uma hipótese já descartada, mas que pode ser reavaliada à luz da sugestão de Nagy. O que talvez tenha levado Young a interpretar o verso 1238 como provérbio é o fato de que ἔπος também possibilita esse sentido,⁷ que não está ausente na *Teognídeia*: o mesmo verso 18, citado acima, “ὄττι καλόν, φίλον ἐστί· τὸ δ’ οὐ καλὸν οὐ φίλον ἐστί”, ostensivamente chamado de ἔπος, era conhecido por Platão (*Lys.*216c), como antigo provérbio:⁸

ἀλλὰ τῶ ὄντι αὐτὸς εἰλιγγίῳ ὑπὸ τῆς τοῦ λόγου ἀπορίας, καὶ κινδυνεύει κατὰ τὴν ἀρχαίαν παροιμίαν τὸ καλὸν φίλον εἶναι.

Eu mesmo, na verdade, sinto vertigens diante da dificuldade do raciocínio e corre-se o risco *de que amigo seja o belo, conforme o antigo provérbio*.⁹

⁶ “Σκέπτεο δὴ νῦν ἄλλον· ἐμοὶ γε μὲν οὐ τις ἀνάγκη/τοῦθ’ ἔρδειν· τῶν μοι πρόσθε χάριν τίθεσο.” Agora, procura por outro. Para mim, não é necessário/fazer isso. Sê-me grato pelo que fiz antes.”

⁷ Ver, por exemplo, Aristófanes, *Aves*, 507: “τοῦτ’ ἄρ’ ἐκείν’ ἦν τοῦπος ἀληθῶς· «Κόκκυ, ψωλοί, πεδιονδῆ (...)»”, “Ah! É esta a razão *daquele provérbio*: “Cu-co! Circuncidados, ao campo!” (trad. Adriane da Silva Duarte, 2000).

⁸ Podemos ainda citar os versos 881 e 901 das *Bacas* de Eurípidēs, “ὅ τι καλὸν φίλον ἀεί” (“o que é belo é amável sempre”), de maneira a confirmar a característica proverbial da expressão mencionada por Platão.

⁹ Tradução de Helena Maronna (2014).

Nesse sentido, ἔπος pode designar na *Teognideia* a referência a versos tradicionais que se destacaram de seu contexto original e alcançaram o estatuto de proverbiais, transcendendo o tempo e o espaço original de suas enunciações.

No caso da elegia 19–26 aqui estudada, o termo aparece duas vezes: no verso 20 e no 22. A grande questão levantada pelos estudiosos é quais seriam os ἔπη (*épe*, “versos”) aos quais o Eu Poético se refere, uma vez que no verso 20 ele emprega o termo acompanhado de um pronome dêitico, no dativo plural: τοῖσδ’ ἔπεσιν (*toîsd’ épesin*). O poeta estaria então apontando para *todos* os versos da *Teognideia* que se seguem após o verso 20? Ou apenas para os versos da elegia compreendida entre os versos 19 e 26?

A maioria dos estudiosos se inclina para a primeira hipótese, admitindo a existência de uma coleção na qual este poema seria a abertura. Nesse sentido, o selo mencionado no v. 19 – qualquer que seja ele – seria o meio encontrado pelo poeta para preservar uma coletânea de seus versos. Carrière,¹⁰ um dos partidários dessa hipótese, adverte, contudo, que essa coletânea evidentemente não poderia ser a mesma de que dispomos, mas uma que continha apenas poemas genuínos de Teógnis, que mais tarde dariam origem ao *corpus* atual.

Assim, a hipótese só tem sentido se presumirmos que a *Teognideia* já circulava como uma antologia relativamente fixa no período em que Teógnis teria atuado; isso fez com que alguns estudiosos¹¹ a descartassem, tendo em vista a circunstância fluida de *performance* oral dessa poesia e dois testemunhos antigos – um fragmento da obra Περὶ θεογνίδος (*Peri Theognídos*, “Sobre Teógnis”) de Xenofonte, conservado por Estobeu (4.29c53), e um trecho do *Mênon* de Platão (95c–e) – que, embora mencionem uma coleção com poemas de Teógnis já no período clássico, parecem indicar que a abertura dessas coleções antigas era outra e a disposição dos poemas bastante diferente. Vale notar, porém, que mesmo a interpretação desses fragmentos que mencionam coleções antigas está longe de ser conclusiva: é discutível se os termos que Xenofonte e Platão utilizam realmente dizem respeito à disposição dos poemas nas antologias.¹²

¹⁰ Carrière 1948, 115, n.1.

¹¹ Vetta 1999, 183; Ferrari 2009, 76.

¹² Em resumo, Xenofonte utiliza ἀρχή (*arkhê*), que pode tanto indicar o início da coleção como a sua “característica principal” enquanto Platão cita os versos 33–6 e usa o termo ὀλίγον μεταβάς (*olígon metabás*) antes de fazer a citação seguinte, os versos 436–40. O termo pode traduzir uma mudança espacial, “mudando um pouco [as páginas]” ou indicar uma mudança de tema na elegia citada: “mudando um pouco [o tema da elegia]”. A consequência de se entender ὀλίγον μεταβάς como uma mudança espacial leva a conclusão de que a antologia que circulava no tempo de Platão era bastante diferente da nossa, que traz esses poemas muito distantes entre si.

Massimo Vetta, em *Symposion: Antologia dai lirici greci*,¹³ é categórico ao defender a segunda hipótese. Para o autor, “uma expressão como τοῖσδ’ ἔπεσιν pode ser dita apenas de versos que estão sendo ouvidos no momento”. Mas considerar que o pronome se refere apenas aos versos 19–26 acarreta em uma redução muito drástica do escopo do selo, e isso certamente o tornaria inócuo para os propósitos de fama perene que Teógnis mencionará nos versos 21–3. A dificuldade em aceitar a teoria é constatada de maneira penetrante por Friis Johansen em *A Poem by Theognis, Theogn.19-38*:¹⁴ “(...) o procedimento de identificação torna-se ridículo, se τοῖσδ’ ἔπεσιν quer dizer aqui apenas um pequeno poema”. O posicionamento de Friis Johansen é válido, mas não se deve deixar de notar que o valor dêitico da expressão é evidente, e que é evidente também que este poema circulou em meio oral.

Talvez a ocorrência de ἔπος nos versos 753–6 possa nos oferecer uma resposta para o problema:

Ταῦτα μαθῶν, φίλ’ ἑταῖρε, δικαίως χρήματα ποιοῦ,
σώφρονα θυμὸν ἔχων ἐκτὸς ἀτασθαλῆς,
ἀεὶ τῶνδ’ ἑπέων μεμνημένος· εἰς δὲ τελευτήν
αἰνήσεις μύθῳ σώφροني πειθόμενος.

Ciente disso, caro amigo, faz fortuna justamente,
com um coração prudente, sem desatinos,
sempre tendo em mente *esses versos*: no fim
aprovarás, persuadido por prudente palavra.

Para Jean Carrière,¹⁵ o verso 755, ἀεὶ τῶνδ’ ἑπέων μεμνημένος (“sempre relembando esses versos”) seria o epílogo de uma gnomologia elegíaca, e constituiria uma referência a todas as demais elegias que o antecederiam. Mesmo juízo já era compartilhado por Emil Von Geys em 1892, que utilizava essa elegia para demarcar a sua divisão da *Theognideia* entre um livro de preceitos morais e um manual elaborado para uso em simpósios. A composição ταῦτα μαθῶν (*taûta mathôn*, “tendo aprendido essas coisas”, v. 753) sugere que os versos aludidos seriam, além disso, estritamente parenéticos.

O caso do verso 20 é similar: também lá, o pronome que acompanha o dativo ἔπεσιν alude a um conjunto de versos difícil de precisar. Talvez essa indeterminação seja importante na estrutura da *Theognideia*, uma vez que no contexto de *performances* e *reperformances* simposiais a imprecisão do pronome anafórico faria com que a referência pudesse ser sempre mutável, alterada de acordo com diferentes apresentações. Assim, os versos iniciais

¹³ Vetta 1999, 183.

¹⁴ Friis-Johansen 1991, 13.

¹⁵ Carrière 1948, 119.

da elegia do selo poderiam servir para introduzir, sob a chancela de um poeta de nome Teógnis, quaisquer outros versos da *Teognideia* recitados nos simpósios arcaicos, antes de assumirem a sua atual função prologal.

Se pensarmos desse modo, então, o poeta chama toda a sua poesia de *ἔπος* não apenas para realçar a interpenetração da tradição hexamétrica na elegia, mas para enfatizar que os versos devem ser entendidos não só na temporalidade de sua enunciação, mas como máximas atemporais, capazes de transcender tempo e espaço e alcançarem o estatuto de provérbios. Essa interpretação de *ἔπος* parece apropriada para a *Teognideia*, visto que a própria elegia 19–26 tematiza a oposição entre o momento presente (vv. 24–5) e a posteridade (vv. 22–3), e diversas outras elegias do *corpus* retomam o tema.

Passemos agora à consideração dos vv. 20–21; o dístico contém uma informação sem precedentes na literatura grega arcaica, pois nela o poeta demonstra uma preocupação com a integridade de seu texto:

(...) λήσει δ' οὔποτε κλεπτόμενα,
οὐδέ τις ἀλλάξει κάκιον τοῦσθλοῦ παρεόντος·

(...) nunca notarão seu roubo,
nem vão mudá-los em algo vil: já são um bem presente

O poeta afirma que o roubo de seus versos será sempre detectado (v. 20), e que nenhum outro poeta precisaria – ou seria capaz – de alterá-los, por serem excelentes e acessíveis, “um bem presente” (v. 21).

O verbo *λήσει* (*lêsei*, “passar despercebido”, “ignorar”), onde se subentende claramente um sujeito *ἔπη* (retomando *τοῖσδ' ἔπεισιν*), já foi interpretado¹⁶ como uma “paronomásia a distância” com o verbo *λήσομαι* do hino que abre a *Teognideia* (v. 2).¹⁷ A hipótese argumentaria em prol de uma possível unidade entre os hinos iniciais da *Teognideia* (1–18) e a elegia do selo, já defendida também por Nagy (1985, 30), mas que é difícil de ser sustentada, dada a variedade temática destes proêmios e a circunstância de *performance* da elegia arcaica.

Juntamente com o particípio presente *κλεπτόμενα* (*kleptómēna*, “sendo roubado”), a passagem é interpretada pela maioria dos estudiosos¹⁸ como o temor de Teógnis ao plágio de sua poesia. No entanto, qual é o significado do plágio em uma sociedade cuja poesia circulava oralmente e se pautava pela imitação, repetição e reelaboração de versos herdados da tradição?

¹⁶ Ver de Martino et Vox 1996, 784.

¹⁷ “Ὁ ἄνα, Λητοῦς υἱέ, Διὸς τέκος, οὔποτε σείο/λήσομαι ἀρχόμενος οὐδ' ἀποπαύμενος,/ἀλλ' αἰεὶ πρῶτόν τε καὶ ὕστατον ἔν τε μέσοισιν/ἀείσω· σὺ δέ μοι κλύθι καὶ ἐσθλὰ δίδου.” “O senhor, filho de Leto, prole de Zeus, jamais/te esquecerei, ao começar ou encerrar,/mas sempre no princípio, no final e na metade/te cantarei: tu, ouve-me e concede bens.”

¹⁸ Ver Friis-Johansen, 1991, 14.

Para compreender o significado desses versos, Andrew Ford em “The Seal of Theognis” resgatou a elegia 805–10 da *Theognideia*, que trata igualmente do tema da adulteração de versos alheios:

Τόρνου καὶ στάθμης καὶ γνώμονος ἄνδρα θεωρὸν
 εὐθύτερον χρῆ <ἐ>μεν, Κύρνε, φυλασσόμενον,
 ὥτινι κεν Πυθῶνι θεοῦ χρῆσασ’ ἰέρεια
 ὄμφην σημήνηι πίονος ἔξ ἄδ’του·
 οὔτε τι γὰρ προσθεῖς οὐδὲν κ’ ἔτι φάρμακον εὔροις,
 οὐδ’ ἀφελῶν πρὸς θεῶν ἀμπλακίην προφύγοις.

Mais reto que compasso, régua e esquadro um teoro
 precavido deve ser em discernimento, Cirno,
 aquele a quem a sacerdotisa do Deus em Pito,
 de seu pingue santuário, assignar a voz divina:
 pois jamais encontrarias remédio, se lhe acrescentasses
 ou retirasses algo, nem escaparias da punição que vem dos Deuses.

O poema veta um teoro, o indivíduo responsável pela consulta ao oráculo, de acrescentar (προσθεῖς, *prosthéis*, v. 809) ou subtrair (ἀφελῶν, *aphélon*, v. 810) versos àqueles proferidos em hexâmetros datílicos pela voz divina da sacerdotisa de Delfos. É de maneira similar que Ford interpreta o sentido de κλεπτόμενα no verso 20: aquele que cita os versos de Teógnis deve ser como um teoro, ou seja, capaz de recitar de maneira exata para as futuras audiências os versos que lhe foram transmitidos.¹⁹ Segundo Ford essa leitura se justifica, uma vez que “para os gregos arcaicos não há uma linha que demarque claramente a distinção entre oráculos e textos poéticos”.²⁰

Em certo sentido, o acréscimo de versos a hexâmetros oraculares já encontra pelo menos um paralelo na literatura grega arcaica, o caso do fragmento 4 w de Tirteu acima citado: acredita-se, nesse fragmento, que Tirteu teria adicionado um dístico e três pentâmetros elegíacos a hexâmetros oraculares prévios, empreendendo uma hábil manipulação do conteúdo oracular, de maneira a colocar o papel dos reis espartanos em primeiro plano.²¹ Esta hipótese, defendida por West,²² se explica uma vez que o fragmento conserva sentido mesmo quando removidos os pentâmetros e o dístico inicial.²³

¹⁹ Ford 1985, 87.

²⁰ Exemplo de que os limites entre o que era poético e oracular muitas vezes se entrecruzavam é o fr. 150 Sn-M de Píndaro: “Μαντεύο, Μοῖσα, προφατεύσω δ’ ἐγώ” (“Dá teu augúrio, Musa! Serei teu profeta”).

²¹ Tive a oportunidade de tratar desse fragmento com maior detalhe e a sua relação com o restante da poesia de Tirteu em outro trabalho (Brunhara, R. “Ocasião de *Performance* e Estrutura do fr. 4 W de Tirteu” in *As Elegias de Tirteu*, São Paulo: Humanitas, 244–46, 2014.)

²² West 1974, 184–5.

²³ No entanto, como pretendemos mostrar no trabalho supramencionado, discordamos da opinião de West, que julga, seguindo Bergk, que “os pentâmetros não acrescentam nada de significativo

O recurso de acrescentar novos versos a outros já estabelecidos é visível já na *Teognideia*. Os versos 425–8 são significativos nesse aspecto:

Πάντων μὲν μὴ φῦναι ἐπιχθονίοισιν ἄριστον
 μηδ' ἐσιδεῖν αὐγάς ὀξέος ἡελίου,
 ὄφυντα δ' ὅπως ὤκιστα πύλας Αἴδαο περήσαι'
 καὶ κείσθαι πολλὴν γῆν ἐπαμησάμενον.

*De tudo, não nascer é o melhor para os sobre a terra
 e não contemplar os raios do aguçado sol
 mas, nascido, cruzar o mais rápido os portais do Hades
 e repousar, enterrado por muita terra.*

Os dois pentâmetros não acrescentam nada de novo ao sentido dos versos hexamétricos em destaque, 425 e 427: o primeiro (v. 426) complementa a ideia de μὴ φῦναι (*mè phúnai*, “não nascer”) e o segundo (v. 428) a de πύλας Αἴδαο (*púlas Haídaο*, “portais do Hades”). Que os versos podiam ser proverbiais, já indica a sua atestação em numerosas fontes²⁴ sem o acompanhamento dos pentâmetros (vv. 427 e 428): exemplos notórios são o *Certame Homero-Hesíodo* (§7) que os atribui a Homero e proclama a enorme fama desses versos entre os gregos; também Eurípidēs, parafraseando o verso 427, informa que ele era “repetido por toda a parte” (fr. 285 Nauck, vv. 1–2):

ἐγὼ τὸ μὲν δὴ πανταχοῦ θρυλούμενον
 κράτιστον εἶναι φημί μὴ φῦναι βροτῶ·

Eu afirmo o que é repetido por toda a parte:
 O melhor para um mortal é não nascer.

Ao que parece, formar dísticos elegíacos a partir de hexâmetros (sejam eles oraculares ou provenientes de outras tradições) era prática comum entre os poetas elegíacos gregos.²⁵

Esse fenômeno, amiúde praticado na tradição elegíaca arcaica, passa, tardiamente, a ser denominado como παραπλοκή (*paraploké*, “citação”, “inter-texto”) e entendido, no seio da tradição retórica²⁶ como a citação de texto poético em tratados retóricos. Porém, o termo começa a ser usado também como parte do vocabulário crítico-literário, para designar aquilo que Teóg-

ao sentido dos hexâmetros”. A nosso ver, o acréscimo dos pentâmetros acarreta em uma alteração no sentido do poema e é eficaz tanto para a retórica quanto para a estrutura deste poema de Tirteu.

²⁴ Ver van Gröningen 1966, p.170, para todas as ocorrências.

²⁵ Ver por exemplo Simônides fr. 8.1-2W, onde o verso 146 do Canto vi da *Ilíada* é curiosamente antecedido por um pentâmetro e serve de mote para a reflexão a ser traçada pela elegia: “ἐνδὲ τὸ κάλλιστον Χίος εἶπεν ἀνήρ·/«οἴη περ φύλλων γενεῆ, τοιῆ δὲ καὶ ἀνδρῶν», “uma coisa a mais bela disse o homem de Quios: / ‘como a geração das folhas, tal também a dos homens’” (trad. Teodoro Assunção, 2007).

²⁶ Ver Hermógenes de Tarso, *Sobre as Formas do Estilo* (Περὶ ἰδεῶν λόγου, *perì ideôn lógou*), 2.4.

nis, Tirteu e outros elegíacos já realizavam na prática oral de seus poemas; o exemplo vem do Escoliasta à *Paz* de Aristófanos, que ao comentar os versos 775–8 da peça observa que o comediógrafo ateniense se apropria (ou, nos termos do escoliasta, faz uma παραπλοκή) de versos de Estesícoro:

«Μοῦσα σὺ μὲν πολέμους ἀπωσαμένη μετ’ ἐμοῦ
τοῦ φίλου χόρευσον
κλείσουσα θεῶν τε γάμους ἀνδρῶν τε δαΐτας
καὶ θαλίας μακάρων»

αὕτη παραπλοκή ἐστὶ καὶ ἔλαθεν. σφόδρα δὲ γλαφυρὸν εἶρηται καὶ ἐστὶ Στῆσιχόρειον.

Μοῖσα σὺ μὲν πολέμους ἀπωσαμένα πεδ’ ἐμοῦ
κλείσῃσα θεῶν τε γάμους ἀνδρῶν τε δαΐτας
καὶ θαλίας μακάρων

“Musa, rejeita as guerras, celebra comigo,
seu amigo, e dança
as núpcias dos Deuses, os banquetes dos homens
e as festas dos venturosos”,

Trata-se de intertexto (*paraploké*) e passou despercebido. A passagem está expressa de maneira muito mais refinada, e pertence a Estesícoro:

“Musa, rejeita as guerras, celebra comigo
as núpcias dos Deuses, os banquetes dos homens,
e as festas dos venturosos...”

É importante perceber, ainda na citação do escoliasta, a presença do verbo ἔλαθεν (*élathen*, “passou despercebido”) que aqui também possui um sentido técnico, mas que já está antecipado no verso 20 da *Teognideia*, com λήσει.

Quanto ao particípio κλεπτόμενα, também no v. 20, De Martino e Vox²⁷ também propõem um sentido técnico ao remeterem a uma elegia de Poliano, poeta obscuro da *Antologia Palatina*, que utiliza o verbo κλέπτω para a atividade de apropriar-se de versos alheios, algo aparentemente comum entre poetas. Diz o elegíaco (11.130):

Τοὺς κυκλίους τούτους τοὺς “αὐτὰρ ἔπειτα” λέγοντας
μισῶ, λωποδύτας ἀλλοτρίων ἐπέων.
καὶ διὰ τοῦτ’ ἐλέγους προσέχω πλέον· οὐδὲν ἔχω γὰρ
Παρθηνίου κλέπτειν ἢ πάλι Καλλιμάχου.
“θηρὶ μὲν οὐατόεντι” γενοίμην, εἴ ποτε γράψω,
εἴκελος, “ἐκ ποταμῶν χλωρὰ χελιδόνια.”
οἱ δ’ οὕτως τὸν Ὀμηρον ἀναιδῶς λωποδυτοῦσιν,
ὥστε γράφειν ἤδη “μῆνιν ἄειδε, θεά.”

²⁷ de Martino et Vox 1996, 784.

Esses cíclicos, que ficam falando “e então, depois...”,
 eu odeio, larápios são de verso alheio.
 É por isso que prefiro a elegia: pois nada tenho
 p’ra roubar de Partênio ou mesmo de Calímaco;
 “igual a orelhuda besta”²⁸ eu seria, se então grafasse:
 “pálidas andorinhas que dos mares vêm”.²⁹
 Mas eles roubam Homero tão descaradamente
 que já grafam até “A ira, Deusa, celebra”.

O verso 21, “οὐδέ τις ἀλλάξει κάκιον τοῦσθλοῦ παρεόντος”, até hoje divide estudiosos, por causa das muitas interpretações propostas para o verbo ἀλλάσσω (*alássō*). A mais aceita sugere que o verbo ἀλλάσσω deve significar aqui “trocar”, “dar em troca, no lugar de”. Nesse sentido, deve-se subentender um pronome indefinido, κάκιον τι (*kákion ti*),³⁰ e ler: “não se dará algo *pior* (κάκιον τι) em troca, no lugar de um bem presente”. A leitura é sugerida por Bowra,³¹ van Groningen³² e adotada por Gerber em sua tradução,³³ e também é a mais aceita entre os tradutores de língua portuguesa do poema.³⁴

West³⁵ sustenta que os versos subentendem a palavra ὄνομα (*ónoma*, “nome”), tanto para κάκιον quanto τοῦσθλοῦ παρεόντος. “Ninguém trocará [o nome de um autor] ruim, quando o bom está presente”, repetindo a ideia já expressa no v. 20 e posicionando-se a favor da tese de que tanto o v. 20 quanto o 21 tratariam da questão do plágio.

Considerando essa leitura, o verso 21 seria então interpretado como uma crítica do poeta à má transmissão dos versos, à falsa atribuição de autoria ou mesmo a uma questão de preferência de sua audiência por outros poemas, considerados por ele “piores”.

Outros estudiosos recorrem ao sentido mais geral de “alterar”, “mudar”, que aqui seria especificado pelo adjetivo comparativo κάκιον. Dessa

²⁸ Referência ao verso 31-32 das *Origens* de Calímaco: “[θ]ηρί μὲν οἴβατόεντι πανείκελον ὀγκήσαιτο/ [ἄ]λλος;”, “igual a orelhuda besta vocifere/ outro (...)” (trad. João Angelo Oliva Neto, 2013).

²⁹ Acredita-se ser uma referência a um verso elegíaco de Partênio de Niceia (fr.27), que foi conservado somente graças a essa citação.

³⁰ É mais simples subentender o pronome indefinido do que ἔπος, neutro singular, uma vez que o termo precedente, ἔπειν é plural, número que é reiterado em κλεπτόμενα, no verso 20, também neutro plural.

³¹ Bowra 1938, 149.

³² van Groningen 1966, 20.

³³ Gerber 1999, 179: “nor will anyone take something worse in exchange when that which is good is at hand”.

³⁴ Ishizuka 2002: “Ninguém trocará o pior pelo bom, que está à mão”; Onneley 2010: “Ninguém trocará o pior por este excelente que aqui está”; Werner 2011: “ninguém trocará um inferior por um genuíno à disposição”, Antunes 2012: “Nem se tomar algo vil quando existe por perto algo bom”.

³⁵ West 1974, 149.

opinião são Hudson-Williams,³⁶ De Martino e Vox,³⁷ Gentili, Perrotta e Cattenacci.³⁸ Nesse caso, τοῦσθλοῦ παρεόντος (*tousthloû paréontos*) deve ser entendido como um genitivo absoluto com função explicativa (“pois são um bem presente”).

Adotando esta última leitura, teríamos, então, o poeta colocando-se contra um expediente que deveria ser comum às récitas arcaicas de poesia elegíaca: a reutilização, ou “adaptação” de versos para um novo contexto de *performance*, representando um jogo típico de perguntas e respostas propriamente simposial, que parece estar presente na *Teognídeia*³⁹ e recebe formulação clara no fr. 20w de Sólon, que altera um verso de Mimnermo. Sólon altera o pentâmetro do fr. 6w do poeta jônio (ἔξηκονταέτη μοῖρα κίχοι θανάτου, “aos sessenta anos me venha a hora fatal da morte”), chamando o procedimento de μεταποίησις (*metapoíēsis*):

ἀλλ' εἴ μοι καὶ νῦν ἔτι πείσεαι, ἔξελε τοῦτο –
μηδὲ μέγαίρ', ὅτι ς<έο> λῶιον ἐπεφρασάμην –
καὶ μεταποίησον Λιγιστάδη, ὦδε δ' αἶειδε·
“ὀγδωκονταέτη μοῖρα κίχοι θανάτου”.

Mas se ainda hoje pudesses me ouvir, descarta isso,
– (não te ofendas porque pensei melhor do que tu!) –
e refazendo o poema, Liqíastade, canta assim:
“Aos oitenta anos me venha a hora fatal da morte”

A leitura destes versos parece nos levar à conclusão de que a Elegia 19–26 nos mostra um poeta aludindo a duas práticas distintas que faziam parte da poética oral da poesia grega arcaica e que, sendo corriqueiras na *performance* desses poemas, não necessitavam de definições ulteriores. Poderíamos defini-las do seguinte modo:

- a) παραπλοκή (*paraplokḗ*), intercalação de versos aos poemas previamente transmitidos pela tradição – que, no caso da poesia elegíaca, geralmente se via na aposição de pentâmetros ao hexâmetro datílico, exercendo a função de complementar, refutar ou reformular a afirmação expressa neste.

³⁶ Hudson-Williams 1910, 175.

³⁷ de Martino et Vox 1996, 779.

³⁸ Cattenacci, Gentili et Perrotta 2007, 165.

³⁹ Ateneu nos mostra como funcionava este jogo simposial (10.457 d-e): ἀλλὰ μᾶλλον τὰς τοιαύτας, τῷ πρώτῳ ἔπος <ἦ> ἱαμβεῖον εἰπόντι τὸ ἐχόμενον ἕκαστον λέγειν καὶ τῷ κεφάλαιον εἰπόντι ἀντιπεῖν τὸ ἐτέρου ποιητοῦ τιος, ὅτι εἰς τὴν αὐτὴν εἶπε γνώμην· ἔτι δὲ λέγειν ἕκαστον ἱαμβεῖον. “Preferiam coisas desse tipo: cada conviva dizer, àquele que primeiro recitasse um verso épico ou jâmbico, [um verso] em seguida; ou responder, a quem recitasse uma passagem mais longa [*kephálaion*], outra de outro poeta, que tivesse expressado o mesmo pensamento. Cada um diria ainda um verso jâmbico” (ed. Olson, tradução nossa). A própria *Teognídeia* parece mostrá-lo na prática, nos versos 993–1026.

- b) μεταποιήσις (*metapoiēsis*), alteração de versos alheios, reformulando ou refutando um poema de prestígio, ou tão somente o poema recitado anteriormente no circuito simposial.

Desse modo, a expressão τοῖσδ' ἔπειν (*toïsd' épesin*, nestes versos) poderia servir de introdução a quaisquer outros versos, que seriam imediatamente colocados sob a chancela de um poeta chamado Teógnis e representados como máximas atemporais, da mesma ordem de provérbios: nesse sentido, os versos 20–21, λήσει δ' οὐποτε κλεπτόμενα, / ἀλλάξει κάκιον τοῦσθλοῦ παρεόντος, nos quais o poeta defende a integridade futura de seu “texto” são significativos, pois compõem um manifesto do poeta contra uma prática que deveria ser corriqueira nas récitas simposiais de poesia arcaica, a da alteração verbal ou contextual, seja por *paraplokḗ*, seja por *metapoiēsis*. A alteração dos versos de Teógnis não é necessária, uma vez que o poema se pretende, depois da aposição do selo, “um bem à mão”, perene e conhecido por todos.

REFERÊNCIAS

- Antunes, C. L. B. 2012. “Teognídeas 19-38.” (Disponível em: <http://neolympikai.blogspot.com.br/2012/04/teognideas-vv-19-38.html>, acesso em 14.mar.2015.)
- Assunção, T. R. 2007. “Envelhecimento e Juventude na Elegia de Semônides.” In 2º *Simpósio de Estudos Clássicos da USP*, editado por M. M. dos Santos, 41–63. São Paulo: Humanitas.
- Bowra, C. M. 1938. *Early Greek Elegists*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Brunhara, R. 2014. *As Elegias de Tirteu: Poesia e Performance na Esparta Arcaica*. São Paulo: Humanitas.
- Campbell, D., ed. 1991. *Greek Lyric III: Stesichorus, Ibycus, Simonides and others*. Harvard: Cambridge University Press.
- Carrière, J. 1948. *Theógnis de Mégare. Étude sur la Recueil Élégiacque attribué a ce poète*. Paris: Bordas.
- Catenacci, C.; B. Gentili; G. Perrota. 2007. *Polimnia, Poesia Greca Arcaica*. Firenze: G. D’Anna.
- Duarte, A. S. 2000. *Aristófanes: As Aves*. São Paulo: Hucitec.
- Ferrari, F. 2009. *Teognide, Elegie. Introduzione, traduzione e note*. Milan: Biblioteca Universale Rizzoli.
- Ford, A. 1985. “The seal of Theognis: the politics of authorship in archaic Greece.” In *Theognis of Megara: Poetry and the Polis*, edited by T. J. Figueira and G. Nagy, 29–81. Baltimore: John Hopkins University Press.
- Friis-Johansen, H. 1991. “A Poem by Theognis part I (Thgn. 19–38).” In *Classica et Mediaevalia* 42, edited by O. Thomsen, 5–29. Copenhagen: Museum Tusulanum Press.
- Gerber, D. 1999. *Greek Elegiac Poetry*. Cambridge: Harvard University Press.

- van Groningen, B. A. 1966. *Theognis: Le Premier Livre* édité avec un commentaire. Amsterdam: N. V. Noord-Hollandsche Uitgevers Maatschappij.
- Hubbard, T. 2007. "Theognis' *Sphrêgis*: Aristocratic Speech and the Paradoxes of Writing." In *Politics of Orality*, edited by C. Cooper, 193–215. Leiden: Brill.
- Hudson-Williams, T. 1910. *The Elegies of Theognis*. London: Bells and Sons.
- Ishizuka, V. 2002. *Teógnis: a Voz de Megara. Kléos, Nêmesis e Phília*. Dissertação de mestrado. Universidade de São Paulo.
- Maronna, H. 2014. *Lísis de Platão: tradução, estudo introdutório e notas*. Dissertação de mestrado. Universidade de São Paulo.
- de Martino, F.; O. Vox. 1996. *Lirica greca II: Lirica Ionica*. Bari: Levante.
- Nagy, G. 1985. "Theognis and Megara: a poet's vision of his city." In *Theognis of Megara: Poetry and the Polis*, edited by T. J. Figueira and G. Nagy, 29–80. Baltimore: John Hopkins University Press.
- Nagy, G. 2009. "Ancient Greek Elegy." In *The Oxford Handbook of the Elegy*, edited by K. Weisman, 13–45. Oxford: Oxford University Press.
- Nauck, A., ed. 1889. *Tragicorum Graecorum Fragmenta*. Leipzig: Teubner.
- Oliva Neto, J. A. 2013. *Dos Gêneros da Poesia Antiga e sua Tradução em Português*. Tese de Livre-Docência. Universidade de São Paulo.
- Onneley, G. B. 2010. *A Ideologia Aristocrática nos Theognidea*. Rio de Janeiro: Ed.UFF.
- Paton, W. R., ed. 1914. *The Greek Anthology IV: Books 10–12*. Harvard: Cambridge University Press.
- Snell, B.; H. Maehler, ed. 1975. *Pindari Carmina Cum Fragmentis Pars II: Fragmenta*. Leipzig: Teubner.
- Vetta, M. 1980. *Theognis, Elegiarum Liber secundus*. Rome: Edizioni Dell' Ateneo.
- Vetta, M., ed. 1999. *Symposion: Antologia dai lirici graeci*. Napoli: Loffredo.
- Welcker, F. 1826. *Theognidis Reliquiae*. Frankfurt: Broenner.
- Werner, C. 2011. "O Selo de Teógnis". (Disponível em: <http://poesiagrega.blogspot.com.br/2011/04/o-selo-de-teognis.html>, acesso em 14.mar.2015).
- West, M. L. 1974. *Studies in Greek Elegy and Iambus*. Berlin: De Gruyter.
- West, M. L., ed. 1992. *Iambi et Elegi Graeci ante Alexandrum Cantati, vol. 2*. Oxford: Oxford University Press.
- Woodbury, L. 1951. "The Riddle of Theognis, The Latest Answer". *Phoenix* 5:1–10.



Title. A Discourse on poetic ownership: *épos*, *paraploké* and *metapoiésis* in *Theognidea*.
Abstract. This paper presents a commentary on lines 20–21 of Theognis' "Elegy of the Seal" (Theogn.19–26), intending to show how *Theognideia* refers to procedures appropriate to the poetic performances on Ancient Greek Symposium.
Keywords. Elegy; Symposium; Theognis.